



Leane Branco e o filho Luan Lucas, que desde os 14 anos frequenta a Apae-DF

# 60 ANOS

# DE INCLUSÃO

Apae-DF comemora seis décadas de existência amanhã, com o tema "Nossa história: quem somos e o que fazemos"

» ALESSANDRO DE OLIVEIRA\*

Foi na sala do gabinete de psicologia da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em 20 de agosto de 1964, que nasceu a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) Brasília. A escolha da data tinha motivo — a comemoração da 1ª Semana Nacional Excepcional. A associação, que posteriormente passou a se chamar Apae-DF, tornou-se a 153ª a registrar sua filiação junto à Federação Nacional das Apaes.

Em 1994, ainda realizava seus atendimentos no imóvel cedido à Federação Nacional das Apaes pela Companhia Imobiliária de Brasília, na Quadra 508 Sul. Mas em 24 de março do mesmo ano, foi inaugurada a sua sede na Entrepra 711/911 Norte de Brasília. O Correio conversou com quem trabalha na Apae, familiares e pessoas que são atendidas pela instituição para relatar a importância dela.

## Evolução

"A relação com minha falecida irmã com síndrome de Down foi o que me motivou a trabalhar nessa área", conta a presidente da Apae-DF, Maria Helena Alcântara, 78 anos. Professora da Secretaria de Estado de Educação (SEEDF) durante muito tempo, ela chegou à entidade no fim dos anos 1980. "Sempre soube que era isso que queria fazer. O começo é sempre complicado, pois temos ideias, mas, muitas vezes, faltam recursos. Começamos com atendimentos na nossa antiga sede improvisada na Asa Sul, até conseguirmos criar um convênio e trazer professores para trabalhar nessa frente. Para se ter uma ideia, a instituição ficou 25 anos sem realizar atendimento", lembra. Maria Helena diz que a instituição prioriza incluir pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho e oferecer a elas melhor qualidade de vida. Hoje, muitos alunos da Apae têm seu espaço em órgãos públicos e participam de diversas oficinas. "Viemos com a ideia de levar essas pessoas para o ambiente de trabalho acompanhadas de instrutores. Foi uma novidade. Conforme vão evoluindo, vamos tirando o instrutor para que elas consigam

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Oficina de cursos sociais e profissionalizantes



Maria Helena, presidente da Apae-DF, é professora



Karla Tarciane ministra aulas de artes cênicas



Alunos aprendem como higienizar e reparar livros

se virar sozinhas", explica a dirigente, acrescentando que a entidade promove oficinas profissionalizantes e tem alunos em quase todos os tribunais do DF.

## Comunicação

Karla Tarciane, 46, ministra aulas de artes cênicas na Apae-DF há 21 anos. Muito ligada à música e ao teatro, ela conta

que isso foi um divisor de águas para a comunicação com os alunos. "A fala era um problema, então eu comecei a usar a música nesse universo teatral para ter uma maior interação e foi um sucesso", pontuou. A professora relata que ingressou nesse mundo por meio de uma pessoa com deficiência, que a levou onde ela tinha algumas aulas. "Era a antiga sede da Apae na Asa Sul", diz.

"É gratificante acompanhar a evolução dos alunos e ver que seu trabalho está dando frutos", fala Karla. Muitos chegam com dificuldade de se comunicar e hoje fazem parte da banda Baião de Dois, que se apresenta em eventos e recebe cachê. "Conseguimos mostrar que a arte também pode colocar essas pessoas no mercado de trabalho", comenta.

cedido ao correio



Wesley Nunes está na fase final de acompanhamento na Apae para seguir no mercado de trabalho



Atividades manuais desenvolvem habilidades e ensinam uma profissão

A professora Cecília Muraro, 48, escolheu trabalhar com pessoas com deficiência devido a uma prima com síndrome de Down. "Cheguei na Apae para ser estagiária na área de psicologia em 1998, e no ano seguinte fui requisitada para trabalhar", afirma.

Cecília começou no setor de avaliação psicológica, que à época não existia. "Começou comigo mais uma assistente social e foi evoluindo. Foi aumentando o número de alunos, e isso requisitou mais professores. Aconteceu uma parceria com assistência social nessa época e assim conseguimos ampliar os atendimentos. Hoje temos mais de 100 pessoas na fila de espera para atendimento", conta.

"Hoje eu coordeno a parte de psicologia, e é muito legal, porque ainda tenho como pacientes quem eu atendia quando entrei, criamos uma família" pontua Cecília. A evolução é algo que a motiva. "No começo, a evolução é bem diferente, é um trabalho que demanda mais tempo, mas é muito gratificante ver o quanto o trabalho ajuda essas pessoas", disse.

## Gratificante

Leane Branco, 55, é mãe do Luan Lucas, 32, que tem síndrome de Down e, desde os 14 anos, frequenta a Apae. Leane fala que em pouco tempo ela conseguiu ver a evolução no filho. "Mudou muito na fala, comportamento, ela era totalmente uma criança, teve um amadurecimento muito importante e para uma mãe é muito gratificante ver isso", comemora.

Hoje, Leane trabalha como voluntária na cozinha e conta os motivos para a escolha. "Primeiramente, a dificuldade de locomoção. Eu moro no Gama, então precisava vir buscar ele todos os dias. E outra que fico próximo ao meu filho. Apesar de que muitas vezes não o vejo, devido às atividades que ele faz, temos contato na hora de ir embora", relata.

Wesley Nunes, 36, conta que conheceu a Apae por intermédio da família. "Foi por meio do meu cunhado, que é bancário, e por meio de um atendimento que fiquei sabendo da Apae, isso há 6 anos. Foi quando minha mãe marcou uma visita para conhecer", lembra.

"A minha evolução está sendo ótima, antes não sabia mexer no computador, hoje sei digitalizar e mexer em várias coisas no computador", aponta Wesley. Ele conta o que mais tem aprendido na instituição. "Aprendi a fazer pão, sal, biscoito, a fazer higienização e reparo nos livros. E uma coisa importante é que aprendi a ter respeito pelos professores e alunos", conclui.

\*Estagiário sob supervisão de Eduardo Pinho